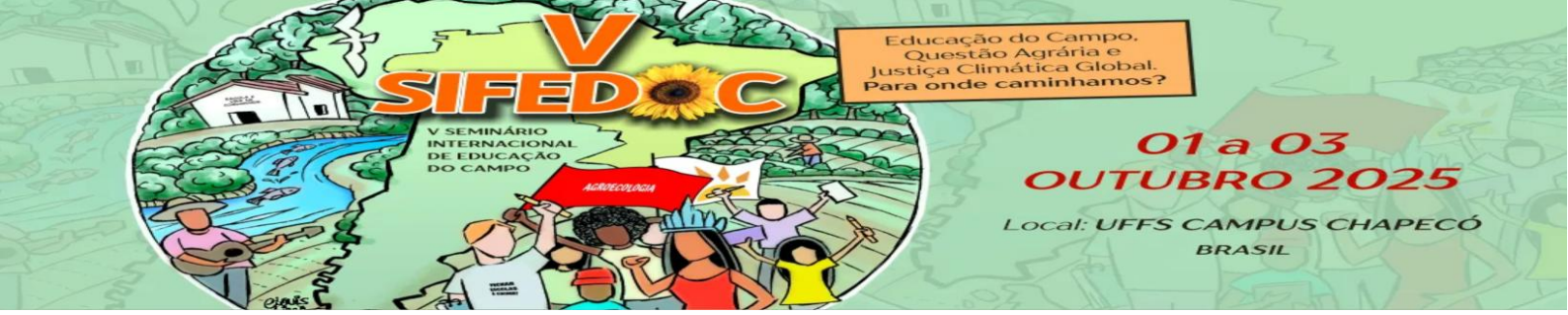


DA ESCOLA PARA MESA: AS POTENCIALIDADES DO POVO CAMPONÊS

BRUNA YASMIM DE FREITAS PIRES

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo socializar e relatar sobre a implementação de um projeto realizado em uma escola do campo Dona Júlia Wanderley dentro do município de Piraquara, da região metropolitana de Curitiba, que tem mais de noventa por cento seu território de preservação ambiental e potencialidades para atividades agroecológicas. Esse projeto foi desenvolvido com crianças do ensino fundamental I, no contra turno escolar duas vezes na semana, sendo um breve ensaio para a educação em tempo integral, trabalhando com a agroecologia, preservação ambiental, alimentação saudável, cuidados com a água, com o solo, com seres vivos, jardim de alimentos utilizando o sistema agroflorestal. A professora de ciências atendia esses estudantes realizando um planejamento em forma de projeto pedagógico, interligando as disciplinas de língua portuguesa, matemática, história, geografia e ciências, levando um trabalho prático, reflexivo e sistematizado, valorizando as especificidades da comunidade escolar camponesa e as riquezas naturais da cidade. Um dos principais objetivos de tal projeto era aproximar e aprofundar os conhecimentos acerca das riquezas naturais do município, da realidade da comunidade, o trabalho cooperativo, desenvolvimento econômico e sustentável. Esse projeto resultou positivamente na aprendizagem dos estudantes e na construção de uma escola na perspectiva de uma Educação do campo, mostrando aos estudantes e a toda comunidade escolar a capacidade de produzirem seu próprio alimento, com qualidade, livre de agrotóxicos, de maneira sustentável respeitando a saúde humana e a natureza.

Palavras-chave: Educação do campo. Agroecologia. Educação alimentar. Jardim de alimentos. Projeto pedagógico.

Círculo de Saber: Organização do trabalho pedagógico na Educação do campo, das águas e das florestas.

Introdução

Sabe-se que a agricultura e o meio ambiente estiveram sempre presentes na evolução do homem, na pré-história ouvimos pela primeira vez sobre, quando se mudavam de um local para o outro a procura dos frutos e animais, e os consumiam, até a necessidade de buscarem outros lugares para sua subsistência. Até que em determinado período apropriaram-se do conhecimento do plantio, estabelecendo-se

nos locais, iniciando plantações e os primeiros ensaios de que temos ciência da formação de comunidades.

No entanto, hoje percebemos o distanciamento do método do plantio nos centros urbanos e até os próximos dele, e a aproximação aos fast foods e o que é rápido de ser consumido, assim abandonando hábitos da alimentação saudável, e substituindo por produtos industrializados e com percentual de agrotóxicos, além do desconhecimento das técnicas de produção, valor nutricional e a falta de contato com a natureza. Nesse sentido, este projeto, está para além de resgatar técnicas de plantio, considerando, o espaço geográfico e as características do local em que a escola está inserida. Ainda, a partir desse projeto, buscamos oportunizar o contato direto com a natureza, os aprendizados sobre educação ambiental, tipos de vegetais, sementes crioulas, ciclos de vida e demais características, dentro dos conteúdos formais estabelecidos em nossa proposta curricular pedagógica numa perspectiva agroflorestal.

Segundo CRIBB (2010),

> A horta escolar é o espaço propício para que as crianças aprendam os benefícios de formas de cultivo mais saudáveis. Além disso, aprendem a se alimentar melhor, pois como se sabe, as crianças geralmente não gostam de comer verduras e legumes e o fato de cultivar o alimento que levarão para casa os estimula a comê-los, especialmente quando conhecem a origem dos vegetais e sabem que são cultivados sem a adição de insumos químicos. Aumentar o consumo de frutas, legumes e verduras tem sido uma das principais recomendações e um desafio para a saúde pública, existe várias razões diferenciadas entre as populações, para não consumirem frutas, legumes e verduras, dentre as quais, preço, conveniência, sabor entre outras (CRIBB 2010, p. 50).

Escolhemos como linha de atuação a agroecologia, que por sua vez, traz conceitos multidisciplinares de ensinamentos que buscam contribuir na construção de estilos de agriculturas ecológicas e estratégias de desenvolvimento sustentáveis, e, nossa proposta é iniciar o que entendemos como contra turno escolar em um ensaio do que podemos chamar de educação integral, de acordo com nossa perspectiva, realidade, condições estruturais e recursos físicos, materiais e humanos. Sendo assim, a partir da interdisciplinaridade, poderemos desenvolver em ciências, o aprofundamento de conceitos específicos e práticas de cultivo, em língua portuguesa, o registro a partir de textos e suas especificidades, em matemática,

conceitos relacionados às medidas de tempo e do espaço, contagem, educação financeira, entre outros, assim como em geografia, o estudo do solo e da região, em história, a comunidade que estamos, e as demais áreas do conhecimento em que se inserirem temáticas relacionadas.

Pensando nas questões de agroecologia, muito tem se falado sobre a preservação do meio ambiente, e as atitudes que deveriam ser adotadas por todos, para minimamente controlar esse grande desequilíbrio em que nos encontramos. Na segunda década do século XXI, temos enfrentado uma crise ambiental e climática anunciada com consequências catastróficas para os seres humanos, seja pelo calor intenso e as queimadas florestais, falta de água ou fortes chuvas e ventos, enchentes e alagamentos, devastando comunidades, afetando a saúde e ameaçando o equilíbrio do ecossistema de modo geral. E, para nossa lamentação enquanto sociedade, somos os principais responsáveis, quando vemos as florestas destruídas para criação de fazendas de gado, mares poluídos, rios envenenados por metais pesados, gases tóxicos produzidos e afetando nosso ar, e tudo em nome da lógica do acúmulo de capital em detrimento da maior riqueza: a preservação da vida, do ar, da água e da floresta.

Diante da amplitude da temática sobre a depredação ambiental, o trabalho pedagógico dentro do projeto esteve continuamente presente, colocando os estudantes como protagonistas pesquisadores e capazes de colocarem em prática todo o aprendizado e possíveis soluções para o que estava sendo trabalhado.

Pensando no território em que a escola está localizada e nas potencialidades do povo que nela reside, é importante destacar o que afirma Veiga (2003) “O Brasil é menos urbano do que se calcula”. Ele diz que parâmetros da Organização de cooperação e de desenvolvimento Econômico para classificar uma localidade como urbana são de que tenham 150 hab./km ². Para ele, “por esse critério, apenas 411 municípios dos 5507 municípios brasileiros existentes em 2000 seriam considerados urbanos” (p.65).

> Essa contextualização nos permite afirmar que grande parcela da população brasileira vivencia relações sociais, culturais e econômicas assentados no trabalho agrícola, na pesca, nas florestas, nos rios. Terra e água são dois aspectos trabalhados e vividos por povos ribeirinhos, ilhéus,

> assentados, acampados, boias-frias, quilombolas, indígenas, pequenos agricultores/ sitiantes/ colonos/ sertanejos, dentre outros. A sua identidade sóciocultural é marcada pelas relações de trabalho na terra e na água. (Souza; Germinari, 2017 p. 44):

Souza e Germinari (2017) “Em 2011 a região metropolitana de Curitiba tinha o maior número de escolas rurais comparados a outras regiões do estado do Paraná, sendo 349 escolas no total, entre escolas municipais e estaduais”. Isso nos mostra que a região metropolitana, tem vasta áreas rurais, ricas em águas e florestas, por esse motivo, o desenvolvimento das práticas pedagógicas pensando nesse elemento, levando os estudantes a compreenderem o pertencimento enquanto sujeitos e as potencialidades das “terras” e do trabalho agroecológico que podem ser aplicados em suas residências e na escola, conseguindo produzir seus próprios alimentos para além da subsistência, mas possivelmente para uma renda familiar.

OBJETIVOS GERAIS DO PROJETO

Aproximar e aprofundar os conhecimentos acerca das riquezas naturais do município, trabalho cooperativo, desenvolvimento econômico e sustentável. Valorização das características da comunidade e saberes.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO PROJETO

-Trabalhar com as potencialidades da comunidade camponesa, com o jardim de alimentos, vermicomposteira, alimentação saudável, cuidados referentes ao solo a água, as riquezas naturais do município, água (mananciais), fauna e flora, descarte correto do lixo;

-Realizar projeto pedagógico e/ou PTD de forma interdisciplinar englobando os conteúdos que forem possíveis da proposta curricular municipal nas diferentes áreas do conhecimento;

-Oportunizar aos estudantes selecionados, dois dias de contra turno escolar;

-Trabalhar dentro da disciplina de matemática problemáticas da comunidade , conscientizando os estudantes sobre a importância das questões econômicas relacionadas aos meios de produção predominantemente agroecológica;

-Levantar com os estudantes problemas enfrentados dentro de seus territórios/ comunidades e/ou estado, país, relacionados a questões ambientais, climáticas, sociais e econômicas;

-Debater com os estudantes soluções para esses possíveis problemas, assim como colocá-los como pesquisadores buscando dados e diagnósticos para sugerir ações;

METODOLOGIA DO PROJETO

Realizar a catalogação das plantas, vegetais, espécies que temos no jardim de alimentos da instituição.

Realizar pesquisas sobre a utilidade importância, formas de utilização, receitas,

Ficha técnica sobre os alimentos.

Rotinas com os estudantes.

Cuidados referentes à vermicomposteira.

Cuidados com a coleta de lixo, separação de lixo, tipos.

A importância da alimentação saudável.

Dentro da disciplina de história, a erva mate, como parte da construção da história do município.

A principal metodologia é colocar os estudantes como protagonistas, eles identificam as situações, se aprofundam sobre aquilo cientificamente, pesquisando, debatendo e assim propondo e agindo quando possível, sendo agentes transformadores. Além do trabalhado prática cotidianamente que realizam, desemparedando-os, desvinculando-se dos métodos tradicionais, no qual o estudante é mero receptor do conhecimento.

DESENVOLVIMENTO

Inicialmente a percepção de Educação do campo na instituição em que o projeto foi desenvolvido, nunca havia sido colocada em evidência, foi então que em uma nova gestão escolar, esta concepção vem sendo implementada nesta escola rural, no entanto, os profissionais da instituição e até mesmo da comunidade como um todo, ainda não têm a compreensão do que seria uma escola do campo e/ou educação do campo, relacionando apenas com a educação rural. Diante disso, faz-se necessário a defesa e construção de uma escola com princípios da educação do campo, que conforme Melzer:

> Entende-se que a Educação do Campo se aproxima do debate da Agroecologia com o intuito de apresentar ao camponês uma alternativa produtiva para além da agricultura tradicional oriunda da Revolução Verde e das grandes multinacionais que vendem os químicos, maquinários e sementes para a produção de monocultura em larga escala (MELZER, 2020, p. 48).

Portanto, nosso norte é pautado nesta perspectiva de escola do campo, se propondo a defender o nosso território e construir lutas para os próximos períodos. Sabe-se que a escola tem por função social principal a instrumentalização necessária do saber elaborado historicamente para os filhos e filhas da classe trabalhadora, com o objetivo de compreender e transformar as tensões e contradições da sociedade capitalista, logo, na Escola do Campo é preciso saber

que as transformações dependem das relações micro e macrossociais, entendendo que o caminho para essas transformações são processos históricos e de resistência.

Superando a perspectiva retrógrada da escola rural instituída pelo Estado que tem como propósito a escolarização, a compensação pelo que se considera um atraso social e busca levar para o meio rural a realidade urbana de produtivismo e formação fragmentada para o trabalho. Para Ribeiro (2012), a Educação Rural pode ser caracterizada por sua dissonância em relação às características e identidades dos sujeitos do campo. Trata-se simplesmente de uma escola urbana inserida no meio rural, desconsiderando-se as questões relativas às identidades culturais, meios de produção e sociedade.

> Compreendemos que a Educação do Campo busca olhar os sujeitos e considerar as diferenças de acúmulos de cada um/a e nisso consiste perceber que o campo necessita de uma educação que seja pensada olhando para suas especificidades e, portanto, o currículo urbano não dá conta de contemplar, tornando-se incapaz de enxergar esse espaço com suas características e funções específicas, e, nem por isso, menos importante, fazendo dele um apêndice do urbano, como se só existisse produção de conhecimento em um determinado lugar que, neste caso, é na cidade (FARIAS, 2014, p. 88).

Para tanto uma escola que busque consolidar um projeto contra hegemônico no Campo necessita alinhar a formação do professor a esse projeto pedagógico, ou seja, deve ser uma preocupação a posição política e o vínculo deste profissional com a luta campesina. De acordo com Alencar:

> Essa preocupação em relação a uma escola vinculada à realidade surge quando da discussão: que escola e que ensino servem ao projeto educativo do campo? Essa interrogativa levou a outra referente à formação de professores, a partir de experiências dos movimentos sociais ao receberem docentes designados pelo sistema estadual ou municipal, sem vínculo com a realidade do campo, e com postura contrária à luta dos movimentos sociais. Esses professores, em sua maioria, por finalidades distintas as dos movimentos e organizações sociais do campo, não reconhecem como conteúdos a luta das famílias camponesas, a história de vida, a memória, os saberes e conhecimentos já instituídos pelos educandos e a comunidade (ALENCAR, 2015, p. 58).

Pensando em todas estas concepções de Educação do campo, no ano de 2022 o atual gestor iniciou um trabalho pautado na Educação do campo, construindo o jardim de alimentos, plantando no método agroflorestal, sendo uma das primeiras ações, e outras práticas foram incentivadas com a entrada de uma nova coordenação pedagógica que fortaleceu o que já estava sendo desenvolvido dentro da escola.

O trabalho foi ganhando uma proporção grandiosa, recebendo até mesmo visitas de instituições como grupos de estudantes de universidades, nutricionistas do

FNDE, socialização de práticas em seminários municipais etc.

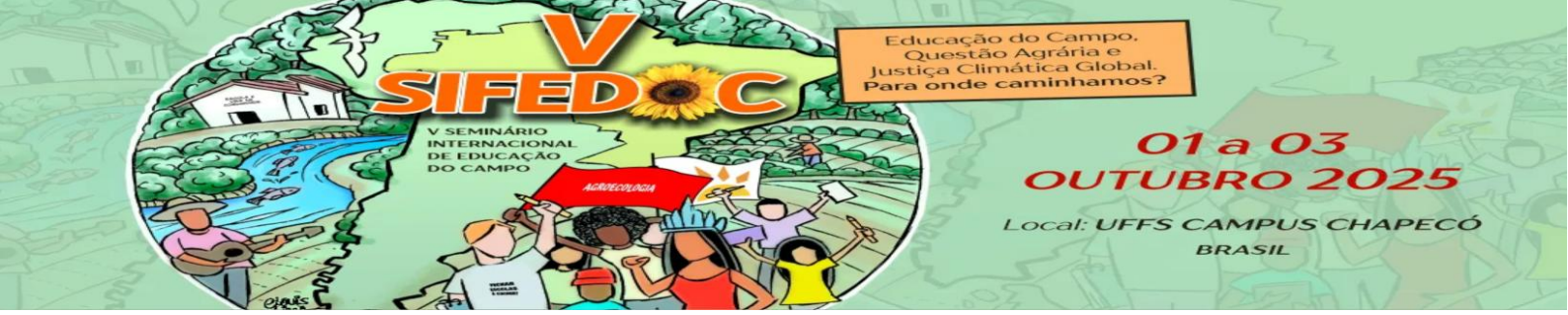
Uma das principais responsáveis pelo trabalho que estava sendo construído era a professora de ciências, foi quando, o diretor, a coordenadora e a professora, reuniram-se e pensaram em realizar algo mais sistematizado após o aumento do quadro de servidores da instituição, no qual, esta nova professora assume uma das turmas que a outra professora atendia, resultando em dois dias da semana sem estudantes. E neste momento, desenvolveram um projeto para atender um número de estudantes no contra turno escolar, visando às questões da Educação do campo, pautado na agroecologia, alimentação saudável, conscientização ambiental, mostrando aos estudantes suas potencialidades e de seus territórios.

O projeto foi escrito, elencando os objetivos gerais e específicos, os critérios para escolha dos estudantes a serem escolhidos, os conteúdos do currículo do município que poderiam ser trabalhados de forma interdisciplinar, rotina de trabalho nos atendimentos e fundamentação teórica.

A professora de ciências realizou o projeto iniciando com observação de mudas de algumas plantas, depois fez reflexões com os estudantes, sobre o que eram mudas de vegetais, se eles conheciam, se aquelas plantas já tinham sido plantadas no jardim de alimentos da escola.

Logo em seguida apresentou o gênero textual “ficha técnica do maracujá", explicou sobre a função de tal gênero, onde ele é encontrado e qual sua importância para a sociedade, puderam entender melhor sobre o maracujá, como plantar, quais plantas “são amigas dele”, podendo plantar junto, manusearam e plantaram uma muda, observaram de qual região é esta fruta. Depois de exemplificar, a professora desafiou os estudantes a utilizarem a ficha técnica para catalogar as plantas na escola, uma vez na semana, os estudantes fizeram essa atividade. Em seguida, ela fez uma análise linguística do texto e entregou perguntas de interpretação para que respondessem.

Fazendo uma intertextualidade, trabalhou uma receita do livro de receitas do departamento de nutrição do município, sendo a de “Doce de casca do maracujá”. E assim, conversou com as crianças fazendo algumas problematizações como: O que vocês acharam dessas receitas? Vocês já comeram algo parecido? Quais são os ingredientes saudáveis presentes nelas? Vocês sabem o que é ter uma alimentação



saudável? O que você costuma comer diariamente? Represente com a massinha de modelar os alimentos saudáveis que você costuma comer. Qual a importância de nos alimentarmos de maneira saudável? Após essas análises, realizaram a receita do doce e puderam experienciar.

Colocando os estudantes como protagonistas, eles pesquisaram sobre a importância de uma alimentação saudável, leram e estudaram sobre e depois apresentaram e discutiram com a turma.

Desse ponto de partida, a partir do que estava na receita, a professora trabalhou com vários conteúdos com a turma, fichas técnicas de outros alimentos, na matemática, medidas de massa, comprimento, em ciências com os cuidados com meio ambiente, agroecologia, separação do lixo, em história com os alimentos de povos originários e tradicionais, (do campo, das águas e das florestas), incluindo povos do município, sobre a história das sementes crioulas, agricultura familiar, realização de receitas indígenas, convidou uma mãe da comunidade que é agricultora para fazer uma fala para as crianças sobre as sementes e a agricultura familiar, também trabalhou com o sistema agroflorestal, cuidados com o solo, fez experimentos, sobre a prevenção de incêndios e plantas que podem fazer isso e estudou com os estudantes sobre as PANCS (Plantas Alimentícias Não Convencionais).

De forma geral, foram trabalhados diversos conteúdos e vivências com os estudantes de maneira interdisciplinar.

Conclusão

Apesar de um projeto nunca feito antes na educação do município, percebe-se quão significativo foi para os estudantes demonstraram desenvolver diversas potencialidades e a consciência de seus territórios, da construção do conhecimento científico, dos saberes dos povos do campo, da valorização da comunidade. As famílias relataram como o projeto foi importante na aprendizagem e desenvolvimento das crianças. A escola foi convidada a participar de um edital ganhando um prêmio nacional pelo trabalho realizado.

Levando em consideração tudo isso, esta projeto que apenas está em seu segundo ano de existência, está sendo revolucionário para a educação da cidade,

ganhando visibilidade, reconhecimento e que ainda pode ser implementado nas outras escolas do município com educação em tempo integral.

Diante de um evento tão grandioso, sabe-se que tal relato é apenas uma prática que ainda precisa ser mais consolidada, porém o desejo e a luta em ter a Educação do campo no município é um grande desafio, pois sabemos que é um direito de todos, dever do Estado e um compromisso para uma sociedade mais equitativa e sem desigualdades.

Referências bibliográficas

CRIBB, S. L. S. P. **Contribuições da Educação Ambiental e Horta Escolar na promoção de melhorias ao Ensino, à Saúde e ao Ambiente.** Rempec: Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p.42- 60, abr. 2010.

SOUZA, M. A; GERMINARI, G. D. **Educação do campo:** Território, escolas, políticas e práticas educacionais. Curitiba : Ed. UFPR, 2017.

MELZER, E. E. M**. O movimento da política educacional PROCAMPO: uma análise das licenciaturas em educação do campo na região sul do Brasil.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Programa de pós-Graduação em Educação (PPGE), Curitiba, 2020. 341 p.
RIBEIRO, Marlene. Educação Rural. In: CALDART, Roseli Salete et al (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo .** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FARIAS, Maria Isabel. **Os processos de territorialização e desterritorialização da Educação do Campo no sudoeste do Paraná** . 2014. 129 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2014.
Sugestões de atividades e encaminhamentos para o projeto de Ciências

ALENCAR, M. F. S. **Princípios Pedagógicos da Educação do Campo:** caminho para o fortalecimento da escola do campo. Ciência & Trópico, Recife, v. 39, n. 2, p. 41-72. 2015.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias:** o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores Associados, 2003.